

As Cartilhas e a Educação Ambiental na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil

The Booklets and The Environmental Education in the Evangelical Church of Lutheran Confession in Brazil

Carlos Alberto Genz¹

Resumo

Este artigo é parte de uma pesquisa sobre a ambientalização nos processos educativos da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Nele, apresentaremos a análise de três cartilhas sobre a temática ambiental, produzidas e usadas por esta Igreja em seus trabalhos, principalmente com a Juventude Evangélica (JE). A primeira e a segunda produzidas pela Federação Luterana Mundial (LWF), uma como estudo teológico sobre a questão ambiental e traduzida para o português pela IECLB como caderno de estudos para o ano de 2011, cuja temática era "Paz na Criação de Deus", e outra para a realização de um trabalho de abrangência mundial com jovens de diferentes regiões, inclusive brasileiros. A terceira foi editada pela Fundação Luterana de Diaconia (FLD) em parceria com o Conselho Sinodal de Juventudes do Rio dos Sinos para o trabalho com jovens no mês de missão ocorrido em setembro de 2011. A metodologia utilizada na pesquisa é a da etnografia, sendo utilizado como referencial teórico a Antropologia fenomenológica e a Antropologia ecológica.

Palavras-chaves:

Ambientalização.

Educação Ambiental.

Religião.

Cartilhas.

Abstract

This article is part of a research on environmentalization in the educational processes of the Evangelical Church of Lutheran Confession in Brazil (IECLB). In it, we present the analysis of three booklets on environmental issues, produced and used by this church in their work, especially with the Evangelical Youth (JE). The first and second produced by the Lutheran World Federation (LWF), one as a theological study on the environmental issue and translated into Portuguese by IECLB as notebook studies for the year 2011, whose theme was "Peace in God's Creation," and the other for the realization of a world-wide work with young people from different regions, including Brazil. The third was published by Foundation Lutheran Diakonia (FLD) in partnership with the Council of Synod Youth Sinos River to work with youth in the month mission occurred in September 2011. The methodology used in this research is ethnography, being used as a theoretical the phenomenological anthropology and the ecological anthropology.

Keywords:

Environmentalization.

Environmental Education.

Religion.

Booklets.

¹ Licenciado em Ciências Biológicas pela UFRGS, Mestre em Teologia pela Escola Superior de Teologia (EST) de São Leopoldo-RS, Doutorando em Educação pela PUCRS. Professor de Ciências e Biologia no Colégio Militar de Porto Alegre. Email: betogenz@yahoo.com.br

1 Introdução

O processo denominado por Lopes (2006) de Ambientalização² dos conflitos sociais pode ser observado também em outras áreas. Carvalho e Toniol (2010) indicam os estudos de Bullard (1996, 2000) e os trabalhos de Pellow & Brulle (2005) sobre a ambientalização da questão racial no âmbito dos movimentos por direitos civis nos EUA. Indicam, também, citando Comaroff & Comaroff (2001), a emergência de um *Idioma Ecológico*, conceito que seria mais profundo (no sentido de sua interiorização subjetiva e, de certo ponto, inconsciente) do que a simples utilização da questão ambiental como argumento racional/político nas lutas sociais. Propõem também a emergência, citando Bourdieu (1996) e o próprio Lopes (2004), de um *habitus* ecológico que opera internamente nas pessoas em um âmbito ético, moral e estético.

Neste contexto, em nosso trabalho de pesquisa do Doutorado em Educação, pensamos ser importante verificar se esta internalização³ das questões ambientais está ocorrendo na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Para isso, acompanhamos um grupo de jovens escolhidos pelos Sínodos da IECLB em uma Formação de lideranças que ocorreu durante a Cúpula dos

Povos na RIO+20 em 2012. Neste trabalho de formação, ficou evidente o papel das cartilhas que analisaremos neste artigo.

Esta denominação religiosa tem sua gênese ligada aos imigrantes alemães que começam a chegar ao sul do Brasil em 1824. Projeções estatísticas e um censo realizado pela IECLB apontam para um número de 1 milhão de Luteranos, divididos entre as duas denominações, A IECLB e a IELB. A IECLB seria a maior delas, com cerca de 700 mil fiéis, segundo Gertz (2001).

No entanto, apesar de perfazer um total muito pequeno (menos de 0,5%) da população brasileira, a importância da IECLB deriva provavelmente “mais da projeção e da qualidade” da Instituição e de algumas de suas lideranças que, segundo Gertz (2001, p. 11) aparecem na mídia desde a política, passando por trabalhos desenvolvidos com os sem-terra ou nas instâncias de instituições ecumênicas. Segundo o mesmo autor, em 1998, um oitavo dos secretários municipais de educação no Rio Grande do Sul haviam sido formados em uma única escola de formação de professores ligada à IECLB. Além disso, a Escola Superior de Teologia de São Leopoldo-RS foi a primeira a receber autorização do MEC na área de formação de teólogos, antes mesmo das Faculdades e Institutos católicos.

Pela importância que a IECLB apresenta no meio das chamadas Igrejas históricas no Brasil, nos dispusemos a analisar em nossa pesquisa o processo de ambientalização neste meio religioso. Neste artigo estamos nos propondo analisar três cartilhas relacionadas à questão ambiental, publicadas pelos luteranos: A primeira foi

² “[A ambientalização é] um processo de interiorização pelas pessoas e pelos grupos sociais – e, no caso da “ambientalização”, dar-se-ia uma interiorização das diferentes facetas da questão pública do “meio ambiente”. Essa incorporação e essa naturalização de uma nova questão pública poderiam ser notadas pela transformação na forma e na linguagem de conflitos sociais e na sua institucionalização parcial” (LOPES, 2006, p. 34).

³ Entendemos por internalização das questões ambientais a capacidade destas de instituírem processos de identificação, de crenças e de valores morais, éticos e estéticos nos indivíduos que participam da vida comunitária.

editada pela IECLB em 2010 para que seus membros pudessem refletir sobre a temática ambiental, produzida a partir de uma publicação de 2009 da Federação Luterana Mundial (LWF). A segunda foi confeccionada pela Federação Luterana Mundial (LWF) para a realização de um trabalho de abrangência mundial com jovens de diferentes regiões do mundo, inclusive brasileiros. A terceira editada pela Fundação Luterana de Diaconia (FLD), em parceria com o Conselho Sinodal de Juventudes do Rio dos Sinos, para o trabalho com jovens no mês de missão ocorrido em setembro de 2011.

A metodologia empregada na análise deste material é a mesma utilizada em todo o trabalho de pesquisa de doutoramento, isto é, utilizamos o método etnográfico tanto para a análise de materiais quanto para o

acompanhamento de atividades de formação propostas pela instituição religiosa a partir do trabalho com as cartilhas. Entendemos, como Cunha (2004), que documentos, no caso, as cartilhas, precisam dialogar com o pesquisador, e, portanto, é necessário dar voz a esses interlocutores, aqui tratadas como não humanos ativos na produção de uma ambientalização da IECLB.

O trabalho de pesquisa como um todo, e também a análise das cartilhas aqui comentadas, busca se inserir numa perspectiva da antropologia fenomenológica e da antropologia ecológica, identificada com autores como Merleau-Ponty, Csordas e Ingold. Nesta perspectiva, a espiritualidade luterana será abordada como uma manifestação da cultura que estabelece uma relação dos sujeitos com o ambiente.

2 As Cartilhas e a Educação Ambiental

As cartilhas podem ser usadas para diversos fins. Na verdade, elas podem ser entendidas como artefatos culturais “que cristalizam de certa forma significados e representações de determinadas épocas e de diversos grupos em cada época, bem como em que cadeias de produção cultural elas se situam” (TRINDADE, 2004, p. 110). Tradicionalmente, as cartilhas estão relacionadas ao ensino/aprendizado das primeiras letras, isto é, ao processo de alfabetização. Estas “pequenas cartas”, segundo Trindade (2004, p. 110), foram originadas de catecismos e silabários utilizados no processo de ensino já no século XV.

Hoje em dia, podemos encontrar a produção de cartilhas com objetivos diferentes

ao de ensinar a ler e escrever. Na área de saúde, as cartilhas são feitas com o intuito de informar a população sobre ações que estabeleçam comportamentos adequados à prevenção de doenças. Essas informações, segundo Grippo e Fracoli (2008), muitas vezes não levam em conta a situação dos sujeitos aos quais se destinam, não causando impacto positivo nas atitudes por elas sugeridas. O cuidado na produção de cartilhas que façam sentido ao público alvo da ação educativa e o estímulo que elas lançam para ações específicas nos levam a pensar que essas cartilhas informativas têm como objetivo principal a produção de atitudes corporais orientadas para a preservação do que a medicina moderna considera a saúde.

Para Collares (2011, p. 4), a cartilha se constitui como um “veículo de comunicação” entre saberes, e como tal, “não está livre das distorções em suas informações, principalmente, porque é um componente precioso para a indústria cultural.” Dentro deste ponto de vista, as cartilhas são sempre marcadas por uma ideologia que procura “incutir [...] ideias e modelos de comportamento” (COLLARES, 2011, p. 5).

Para Carvalho e Borges (2010), a Educação Ambiental tem assumido um papel importante em uma nova configuração planetária de crise de modelo civilizatório. Se a Educação para a democracia proposta no século XIX teve papel fundamental na constituição moral de um cidadão para um Estado-Nação, as novas exigências de um planeta globalizado mostram a necessidade em uma “aposta pedagógica numa educação para a ‘cidadania ambiental’” que ultrapasse as “fronteiras nacionais” e incorpore “as questões morais dentro de um quadro planetário” (COLLARES, 2011, p. 55).

Na Educação Ambiental, as cartilhas, desde muito tempo, têm sido utilizadas com dois propósitos, quais sejam, o de informar sobre situações ambientais e influir no desenvolvimento de um padrão de comportamento ambientalmente orientado.⁴ Neste sentido, a utilização de cartilhas é uma tentativa de estabelecer padrões de moralidade que se julgam compatíveis com uma vida ambientalmente orientada.

A questão que se coloca, neste ponto, é que, se entendemos as cartilhas como artefatos culturais, e se a considerarmos um artefato tão

importante para um estudo antropológico como uma pedra lascada ou um vaso de cerâmica, podemos tratar esse artefato ‘cartilha’ da mesma forma como tratamos aqueles outros, isto é, como objeto de estudo antropológico. As cartilhas, portanto, não são somente estudadas a partir de seu discurso explícito ou implícito, mas como forma de atuação de uma comunidade no mundo.

Ingold (2012) nos mostra que a cultura material tem dado maior ênfase ao fato de que a maneira humana de estar no mundo tem trazido um enorme número de não-humanos para a luz, o que influencia o seu estar no mundo. Os objetos ou artefatos construídos ou moldados pelos humanos tem um papel preponderante no estabelecimento destes no mundo. Alguns autores⁵ têm preconizado um tratamento simétrico entre humanos e não-humanos. Neste sentido, as cartilhas produzidas pelos luteranos para o seu trabalho de educação de seus membros para as questões ambientais são tanto o reflexo do que pensam e de como julgam os luteranos que deve ser a sua ação ambiental no mundo, como também transforma, de alguma forma, esta própria ação, constituindo uma nova forma de estar no mundo.

No entanto, Ingold (2012) indica que esta é só uma parte da história. A crítica feita por ele aos trabalhos ligados à cultura material é a de que a base para considerar que humanos e não humanos têm ação simétrica é profundamente assimétrica. Devemos, segundo o autor, considerar que humanos e não humanos são diferentes, mas que tem suas histórias tecidas em conjunto. A atuação, ou a relação, não se dá diretamente da ação de um

⁴ “Entre as possibilidades de se promover a educação ambiental informal no local de trabalho, está a utilização de cartilhas (qualquer compilação elementar que preceitue um padrão de comportamento por meio de ilustrações)” (BACELAR et al., 2009).

⁵ Dentre os citados por Ingold (2012, p. 430), encontramos Olsen (2003, 2007, 2010); Webmoor (2007); Witmore (2007) e Latour (2005)

ente sobre o outro, mas da forma como as suas histórias acabam tecidas em conjunto. Com isso, não somente artefatos culturais ganham uma agência na constituição de uma cultura, mas também não humanos que não são ‘feitos’ pelos humanos em seu sentido mais estrito, como os outros seres vivos. A proposta de Ingold, então, é a de considerar tanto objetos ou artefatos culturais produzidos pelos humanos quanto outros seres vivos que atuam também no estabelecimento de uma cultura como “coisas” materiais.

A sugestão de Ingold é, então, que consideremos as cartilhas não como artefatos culturais com uma atuação simétrica sobre a cultura, que poderia até pressupor representações e significados cristalizados, mas como uma “coisa” tecida com tudo que a cerca. Nessa perspectiva, as cartilhas não são realizações fechadas sobre elas mesmas. Elas são linhas de força e ação que são tecidas com os humanos que as utilizam de alguma forma e que dão sentidos, muitas vezes diversos, dependendo dos contextos onde são utilizadas. Ingold toma o conceito de “Coisa” de Heidegger, mas o utiliza, como ele mesmo diz, “de modo frouxo”. Citando este autor, Ingold (2012) define “coisa” como

Um “acontecer”, ou melhor, um lugar onde vários acontecimentos se entrelaçam. Observar uma coisa não é ser trancado do lado de fora, mas ser convidado para a reunião. Nós participamos, colocou Heidegger enigmaticamente, na coisificação da coisa em um mundo que mundifica (INGOLD, 2012, p. 29).

Entender uma cartilha como uma coisa significa entendê-la como algo aberto, não pronto, que incide sobre as vidas das comunidades, mas que também sofre a ação delas, modificando seus sentidos e conceitos. Então, da maneira que entendo as cartilhas,

precisamos acompanhar seu fluxo. E isso tento fazer seguindo a sua utilização e os contextos onde elas são apresentadas e utilizadas. Em outras palavras, as cartilhas não são entendidas aqui como um discurso acabado posto em ação sobre uma comunidade, mas como um não humano que é experienciado por humanos e que sofre a intervenção deles, mudando seu sentido e trazendo novas questões à luz.

Para Csordas (2008), o corpo, ou antes, a corporeidade⁶ é o lugar de atuação da cultura. Partindo dessa perspectiva, podemos dizer que esses padrões morais, éticos e estéticos que as cartilhas indicam atuam não só na corporeidade dos leitores, mas também nas significações que estes corpos passam a ter. No sentido inverso, como este autor faz questão de lembrar, também a corporeidade determina significados à cultura. Por isso, é possível a leitura das cartilhas como obra aberta, capaz de ter uma história. O autor parte da ideia de *habitus* em Bourdieu que coloca o corpo “como *locus*” da “prática social” (CSORDAS, 2008, p. 368) e de Merleau-Ponty, que coloca que a “percepção começa no corpo”(Id., p.370) para definir o campo metodológico da corporeidade. Segundo ele,

É dentro deste processo [dialético entre a consciência perceptiva e a prática coletiva] que mudamos a compreensão da percepção como um processo corporal para uma noção de modos somáticos de atenção que podem ser identificados em uma variedade de práticas culturais. (CSORDAS, 2008, p. 371).

Assim, penso que tanto as cartilhas são coisas que atuam sobre a vida dos humanos,

⁶ “Paralelamente, o corpo é uma entidade material, biológica, enquanto a corporeidade pode ser entendida como um campo metodológico indeterminado, definido pela experiência perceptiva e pelo modo de presença e engajamento no mundo.” (CSORDAS, 2008, p. 368)

modelando sua corporeidade, seu estar no mundo, mas também sofrendo a ação destes e de seus contextos e percepções, alterando seus significados e sua ação no mundo.

Voltando a Ingold (2010), as cartilhas funcionam como o conhecimento experienciado por um grupo social, por uma cultura, como um experiente que leva a atenção de iniciantes para a percepção de algumas realidades ou de algumas ações que talvez eles, em suas experiências no mundo, não estivessem atentos. A cartilha joga a atenção de seus leitores para um estar no mundo de outra forma. E, sendo um tanto reducionista para mostrar o extremo, o que são ações morais, éticas e estéticas senão a imitação de ações difundidas em um meio social. Mas esta imitação não pode ser entendida como uma simples cópia. Para Ingold (2010, p. 21)

Este copiar [...] é um processo não de transmissão de informação, mas de redescobrimto dirigido. Como tal, ele envolve um misto de imitação e improvisação: isto pode ser mais bem compreendido, na verdade, como as duas faces de uma mesma moeda. Copiar é imitativo, na medida em que ocorre sob orientação; é improvisar, na medida em que o conhecimento que gera é conhecimento que os iniciantes descobrem por si mesmos.

É neste sentido que quero encarar a utilização das cartilhas pela IECLB. Como algo que se projeta sobre a ação de seus membros e, ao mesmo tempo, sofre a ação deles pela sua contextualização na prática. Ela não deve ser entendida como norma técnica (apesar de que a norma técnica poderia também ser entendida de uma forma mais aberta), mas como relação. Não entre entidades fechadas que atuam uma sobre a outra, mas como seres-no-mundo que se constituem nas suas histórias de vida juntos, ou como diria Ingold (2010 e 2011), no seu caminhar no mundo.

3 As Cartilhas produzidas e utilizadas pela IECLB

Apresentaremos, neste trabalho, três publicações produzidas pela Federação Luterana Mundial (LWF) e pela IECLB que tratam das questões ambientais da atualidade, e que também demonstram uma intenção educativa, principalmente na perspectiva de utilizar estas mesmas questões como operadores de um conjunto de valores morais, éticos e estéticos que acabam por apontar para práticas sociais desejáveis que podem ser identificadas como sendo a tentativa de formação de um *habitus ecológico* para os membros da Igreja de confissão luterana brasileira.

3.1 “Deus, criação e mudanças climáticas - subsídios para reflexão e debates” – 2010

Este material foi produzido em português pela IECLB e pelo Centro de Estudos Bíblicos (CEBI)⁷. Ele é a tradução de um trabalho escrito e editado pela LWF em 2009 que tinha como objetivo tratar teologicamente perguntas e suposições populares sobre o tema das mudanças climáticas. O material em português tem somente o adendo de uma apresentação do então presidente da IECLB,

⁷ O CEBI é uma associação ecumênica, sem fins lucrativos, fundada em 1979 com o objetivo de aprimorar, divulgar e capacitar pessoas a fazerem uma “leitura popular da bíblia” Disponível em: <<http://www.cebi.org.br/institucional-historia.php>>. Acesso em: 05 fev. 2012.

Walter Altmann, que deixa claro o objetivo central da edição do material:

Este caderno de estudos que entregamos em suas mãos quer levantar perguntas, suscitar debates e convocar à ação no que diz respeito à nossa responsabilidade ética diante da Criação de Deus. (IECLB, 2010, p. 5).

A metodologia para a produção do “caderno de estudos” pela LWF foi a discussão teológica a partir de um questionário enviado para membros de diversas Igrejas espalhadas pelo mundo e ligadas à Federação. Ela parece indicar o que Carvalho e Borges (2010) citam como sendo a incidência importante do Local no estabelecimento do que seja Global. Para os autores,

Afirmar uma hipotética sujeição das culturas locais aos discursos universalizantes sobre o ambiente seria o mesmo que desconsiderar sua autonomia e intencionalidade histórica e desconsiderar a potencialidade do local na conformação dos processos globais. (CARVALHO; BORGES, 2010, p. 55).

Quando a cartilha (denominada de caderno de estudos) explicita a intensão de, a partir das experiências e questionamentos locais, produzir uma Teologia que seja Global, ela está reconhecendo a via de duplo sentido entre uma cultura Local e um padrão ético e moral que se pretende universalizante, e que, por isso, incida no estabelecimento de uma prática que só pode acontecer dentro de um contexto local.

Essa cartilha apresenta a questão ambiental via mudanças no clima da Terra. Aqui parece claro que este problema é um mote, um “álibi” para que toda a problemática ambiental apareça e para que, a partir dela, floresça a problemática de fundo deste material que seria como a Teologia pode encontrar

respostas para um mundo que está mudando. Nesse sentido, podemos entender a escolha da questão das mudanças climáticas como a principal questão ambiental que pode dar sentido à ideia de mundo em movimento: “Deus em movimento” e igreja em movimento. Como nos dizem Comaroff e Comaroff (2001, p. 59), “a ampliação da natureza, como álibi, como uma rica alegoria capaz de tornar pessoas e objetos estranhos, forjando, assim, novas distinções sociais e políticas que são fundamentais”.

É possível e até bem provável que a eleição do tema Mudanças Climáticas esteja relacionado com a intenção de centrar no debate mais aceito e difundido na agenda global relacionado ao meio ambiente, haja vista as diversas conferências sobre o clima promovidas pela ONU e outras entidades mundiais. Isto nos levaria a pensar que esta questão especificamente poderia servir como um “tradutor” (CARVALHO; TONIOL, 2010) ou ponte de diálogo no qual os luteranos no mundo (e no Brasil) exerceriam seu papel político nos diálogos do campo ambiental. Mas a escolha deste tema ambiental parece trazer em seu bojo outra questão de fundo: a da Igreja em transformação em um mundo que muda radicalmente em suas questões mais constantes como são as questões climáticas. Parece, então, que a mudança climática predispõe a ideia de mudança em todos os níveis da vida comunitária, bem como uma mudança no entendimento do que seria o papel do cristão (luterano, no caso) para com a criação.

A cartilha ainda traz uma lista de preceitos e mudanças necessárias na vida dos cristãos e na teologia em geral tendo em vista o

“*kairós*”⁸ das mudanças climáticas. Lista, então, doze itens que precisamos mudar de perspectiva, o que influenciaria em uma mudança teológica e na ação do cristão. São preceitos morais e éticos que baseiam outra teologia, agora acrescida com conceitos importantes ao ideário ecológico e que determinam duas coisas: uma aproximação de linguagem entre o religioso e o ecológico, tornando possível o diálogo ou mesmo assumindo (o que parece ser o caso) os mesmos conceitos-chave e uma ambientalização que implicaria em transformação na ação prática (moral) dos cristãos luteranos no mundo (apesar de ter sido deixado claro no início do trabalho que estes estudos não refletiam uma posição oficial da Federação Luterana Mundial).

Podemos perceber que esta cartilha mostra como o discurso se reorienta e tenta incorporar a crítica ao dualismo e busca uma matriz relacional para reposicionar o horizonte teológico, isto é, mostra bem como e por onde se esta buscando uma virada ecológica do discurso teológico.

3.2 “LWF Together La Tierra te Necesita! Guidebook” – 2011

Esta publicação foi produzida em maio de 2011, especialmente para servir de guia a um projeto da Federação Luterana Mundial (LWF) com grupos de jovens luteranos espalhados pelo mundo. Os diversos grupos se inscreveram no projeto, receberam o material e começaram a entrar em contato virtual com outros grupos espalhados pelo mundo.

Ao contrário do primeiro material analisado, que afirmava que as informações contidas ali talvez não correspondessem ao pensamento oficial da Igreja, neste material toda a ficha editorial leva o leitor a acreditar ser esse o pensamento oficial da Igreja. Ele é assinado pelo conselho de missão da LWF, revisado pelo departamento de Teologia e estudos e traduzido e editorado pelo escritório de serviços de comunicação da Federação.

O texto desta cartilha mostra uma intenção explícita em considerar este projeto como sendo uma caminhada motivada por um sentido (peregrinação). Esta caminhada com sentido religioso, no entanto, acontece em espaço virtual. É, em última análise, utilizando Certeau (1998), uma peregrinação que ocorre em um espaço de encontro mundial, mas constituído por um lugar que se situa na linguagem (imagem, som, escrita e fala). O sentido de caminhada, no caso, sofre um deslocamento de significado, não podendo ser entendida nem como uma jornada exterior, por lugares religiosos, nem como simplesmente uma caminhada ao interior do indivíduo, por seus “espaços” de constituição, que genericamente poderiam ser chamados de espírito, mente ou alma⁹. É uma caminhada em mundo virtual, jornada que pressupõe contato não físico entre pessoas. Em última análise, é uma peregrinação por um espaço construído pela linguagem.

A cartilha indica os pontos do caminho que devem ser trilhados, como se fossem os passos para empreender a caminhada. Apresenta o projeto dividido em quatro fases, cada uma com três ou quatro “passos”. A

⁸ *Kairós* pode significar o tempo de Deus em oposição ao tempo humano, mas no texto da cartilha, no caso, parece significar uma oportunidade dada por Deus para o entendimento humano.

⁹ Entendo que o sentido estrito de cada um desses termos é distinto, mas aqui tenho o intuito de generalizar estes termos como sinônimos exatamente para abarcar todas as teorias de constituição do indivíduo ou do sujeito.

primeira fase, constituída de três ações, se intitula “conhecer-se” e deveria ocorrer, dentro do planejamento do projeto, durante o mês de maio de 2011 e seu “mapa” estará localizado da página 7 até a página 10 do material. A segunda fase, nomeada “análise de contexto e planejamento de uma atividade” está “mapeada” entre as páginas 11 e 16. A terceira, “colocar em prática uma atividade”, não tem sua localização espacial definida na cartilha, mas de maneira semelhante às fases anteriores, deveria ocorrer em um espaço limitado de tempo, entre junho e setembro de 2011. A quarta e última fase do projeto, nomeada “celebração e avaliação” deveria culminar no dia da reforma luterana, em 31 de outubro de 2011.

Aqui fica clara uma ideia de cartilha como aquelas da alfabetização: um método de ensino que leva o estudante de uma posição de não “conhecimento” para uma de “saber técnico” ao final, se o método proposto for seguido à risca.

3.3 “Criatividade” – 2011

A origem desta cartilha está ligada ao chamado “Mês de Missão da Juventude”, que ocorre todos os anos no mês de setembro. Nele, jovens da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) se organizam para promover campanhas a partir de um tema escolhido. A cada ano, a organização da ação fica a cargo de um Conselho Sinodal de Juventudes. No ano de 2011, a organização e acompanhamento do Mês de Missão ficaram a cargo do Conselho Sinodal de Juventude do Sínodo Rio dos Sinos (COSIJE-RS), que escolheu o tema “Jovens pelo cuidado com a Criação”.

A ideia estava vinculada ao tema do ano da IECLB para 2011 – “Paz na Criação de Deus: Esperança e Compromisso”. A proposta também estava alinhada às diretrizes da Federação Luterana Mundial (LWF) para os próximos anos, que elencou durante sua Assembleia Geral, que ocorreu em Stuttgart na Alemanha em 2010, a sustentabilidade como um dos pilares com o qual suas igrejas membro serão incentivadas a trabalhar.

Com o intuito organizar e disponibilizar material para o trabalho com os jovens, o Conselho Sinodal da Juventude do Sínodo Rio dos Sinos, com a parceria do Conselho Nacional de Juventudes Evangélica (CONAJE), convidaram a Fundação Luterana de Diaconia (FLD) para ajudar a pensar uma proposta de material que teria como objetivo conscientizar cada jovem da sua responsabilidade frente à preservação do mundo e ao cuidado com o outro.

Como instrumento motivador ao trabalho do mês de missão, esta cartilha foi elaborada em conjunto pela FLD e por representantes do COSIJE Rio dos Sinos. Ela conta com sugestões de atitudes conscientes para o dia a dia das pessoas. Além disso, a cartilha também apresenta uma reflexão bíblica e dinâmicas de grupo para serem usadas pelos grupos de JE.

É bom salientar que essa proposta surgiu em um fórum no qual uma pessoa estava participando do processo de intercâmbio virtual e formativo para jovens da LWF, que editou a cartilha examinada no item anterior. Quero dizer que existe uma linha que liga a existência desta cartilha “Criatividade” com a cartilha “La Tierra te Necesita!”, seja por um fluxo de ideia, seja pelo próprio fluxo do material que provavelmente foi manipulado

pelos organizadores durante a formação da cartilha brasileira.

A tentativa da cartilha, identificada a partir da apresentação do material, seria criar condições para mudar padrões de comportamento. Por isso seu cunho educador. Mas também acaba sendo, junto a isso, um manifesto político de quais os padrões de comportamento são desejáveis. Em outras palavras, podemos dizer que os jovens luteranos estão nominando um padrão de comportamento moral e estão dispostos a criar um espaço educativo para a educação moral/ambiental. Poderíamos dizer até que a

5 Considerações finais

Este artigo apresentou as publicações produzidas e utilizadas pela IECLB que tem interface entre sua ação religiosa e o meio ambiente. Elas foram produzidas em um contexto específico, pois foram preparadas para marcar o tema do ano de 2011, escolhido em concílio e de acordo com as indicações da Federação Luterana Mundial (LWF). Este contexto, apesar de parecer reduzir a discussão da temática ambiental a um ano específico, mostra que a IECLB teve que se posicionar politicamente e adaptar a sua teologia à problemática ambiental do mundo moderno. As cartilhas tiveram utilização demarcada no tempo, com exceção dessa última apresentada,

cartilha é um manifesto político-pedagógico que buscará formar lideranças mais transformadoras e menos conservadoras.

Esta cartilha, dos três materiais analisados, é a que mais se aproxima daquilo que definimos como sendo este tipo de material para a Educação Ambiental. Além de ser um material informativo, tenta estabelecer padrões de comportamento desejáveis, sendo muito semelhantes às cartilhas para promoção da saúde publicadas pelos diversos órgãos públicos brasileiros e por cartilhas de educação ambiental publicadas por empresas e Organizações não governamentais.

que ainda está sendo distribuída entre os grupos de jovens e trabalhada em oficinas promovidas pelo Conselho Nacional de Juventudes Evangélicas (CONAJE), com o auxílio da Federação Luterana de Diaconia (FLD). Além disso, alguns jovens que participaram do processo de formação do “Criatividade rumo à Rio+20” (que se originou do projeto de produção da cartilha “Criatividade”) estão hoje participando da cúpula da Igreja na Suíça em projetos ligados ao meio ambiente ou são lideranças em suas comunidades, desenvolvendo outros projetos relacionados à questão ambiental.

Referências

BACELAR, B. M. F. *et al.* Metodologia para elaboração de Cartilhas em Projetos de Educação Ambiental em Micro e Pequenas Empresas. [Informativo técnico]. 2009. Disponível em: <<http://www.cartilhasecia.com.br/cartilhas/D>

[icas para a elaboração cartilhas.pdf](#)>. Acesso em: 03 mar. 2013

CARVALHO, I.C.M.; BORGES, M.G. O grupo de pesquisa cultura, ambiente e educação: apresentação e referenciais teóricos

metodológicos. São Carlos, **Revista Pesquisa em Educação Ambiental** (UFSCar), v. 5, p. 49-58. 2011.

CARVALHO, I. C. M.; TONIOL, R. F. Ambientalização, cultura e educação: diálogos, traduções e inteligibilidades possíveis desde um estudo antropológico da educação ambiental. Rio Grande, **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. Esp., p. 1-12, 2010. Disponível em: <<http://www.seer.furg.br/remea/issue/view/373>>. Acesso em: 03 mar. 2011.

COMAROFF, J.; COMAROFF, J. **Naturalizando a nação**: estrangeiros, apocalipse e o Estado pós-colonial. Porto Alegre, **Revista Horizontes Antropológicos**, ano 7, n. 15, p. 57-106, jul. 2001.

COLLARES, S. A. O. O uso da Cartilha Progressiva (1907) nas Escolas do Estado do Paraná. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH. 26., 2011, São Paulo. **Anais...** São Paulo, jul. 2011.

CSORDAS, T. J. **Corpo/significado/cura**. Trad. José Secundino da Fonseca e Ethon Secundino da Fonseca. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

CUNHA, O. M. G. Tempo imperfeito: uma etnografia do arquivo. Rio de Janeiro, **Revista Mana**, v. 10, n. 2, p. 287-322, 2004.

CERTEAU, M. **A Invenção do cotidiano**: artes de fazer. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

FUNDAÇÃO LUTERANA DE DIACONIA. **Criatidade**: Jovens pelo Cuidado com a Criação. 2011. Disponível em: <<http://www.criatidadeje.blogspot.br>>. Acesso em: 20 set. 2011.

GERTZ, René E. **Os luteranos no Brasil**. Ponta Grossa, **Revista de História Regional**, v. 6, n. 2, p. 9-33, 2001.

GRIPPO, M. L. V. S.; FRACOLLI, L. A. Avaliação de uma cartilha educativa de promoção ao cuidado da Criança a partir da percepção da Família sobre temas de saúde e cidadania. São Paulo, **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 42, n. 3, p. 430-436, 2008.

IECLB. **Deus, Criação e mudanças climáticas**. 2010. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br>>. Acesso em: 07 mai. 2011.

INGOLD, T. Da transmissão de representações à educação da atenção. Porto Alegre, **Revista Educação**, v. 33, n. 1, jan./abr., p. 6-25, 2010.

INGOLD, T. **Being Alive**: Essays in Livelihood, Dwelling and Skill. Londres: Routledge, 2011.

INGOLD, T. Toward an Ecology of Materials Saskatchewan: **Annu. Rev. Anthropol.**, n. 41, p. 427- 442, 2012. Disponível em: <<http://www.annualreviews.org>>. Acesso em: 08 out. 2012.

LOPES, J. S. L. Sobre processos de ambientalização dos conflitos e sobre dilemas da participação. Porto Alegre, **Revista Horizontes Antropológicos**, v. 12, p. 31-64, 2006.

LWF Together. **La Tierra te necesita**. Disponível em: <<http://lwfyouth.org/lwf-together/guidebook/>>. Acesso em: 12 jul. 2011.

TRINDADE, I. M. F. A Cartilha maternal e algumas marcas de sua aculturação. Campinas, **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 7, jan./jun., p. 109-134, 2004.

Artigo recebido em 31 de outubro de 2013.
Aprovado em 10 de dezembro de 2013.